

aleidedeus.org

Apêndice 7b: A Carta de Divórcio — Verdades e Mitos

Esta página faz parte da série sobre as uniões que Deus aceita e segue esta sequência:

1. Apêndice 7a: Virgens, Viúvas e Divorciadas: As Uniões que Deus Aceita
2. Apêndice 7b: A Carta de Divórcio — Verdades e Mitos (Página atual).
3. Apêndice 7c: Marcos 10:11-12 e a Falsa Igualdade no Adultério
4. Apêndice 7d: Perguntas e Respostas — Virgens, Viúvas e Divorciadas

A "carta de divórcio" mencionada na Bíblia é frequentemente mal interpretada como uma autorização divina para dissolver casamentos e permitir novas uniões. Este artigo esclarece o verdadeiro significado de [**סֵפֶר כְּרִיתוּת** (sefer keritut)] em Deuteronômio 24:1-4 e de [**βιβλίον ἀποστασίου** (biblíon apostasíou)] em Mateus 5:31, refutando falsos ensinos que sugerem que a mulher repudiada fica livre para se casar novamente. Com base nas Escrituras, mostramos que essa prática, tolerada por Moisés devido à dureza dos corações humanos, nunca foi um mandamento de Deus. Esta análise destaca que, segundo Deus, o casamento é uma união espiritual que vincula a mulher ao seu marido até a morte dele, e a "carta de divórcio" não dissolve esse vínculo, mantendo a mulher vinculada enquanto ele viver.

PERGUNTA: ***O que é a carta de divórcio mencionada na Bíblia?***

RESPOSTA: Que fique claro que, ao contrário do que a maioria dos líderes judeus e cristãos ensina, não há instrução divina sobre tal "carta de divórcio" — muito menos a ideia de que a mulher que a recebe esteja livre para contrair um novo casamento.

Moisés menciona a “carta de divórcio” apenas como parte de uma ilustração em Deuteronômio 24:1-4, com o objetivo de conduzir ao verdadeiro mandamento contido na passagem: ***a proibição de o primeiro marido voltar a se deitar com sua ex-esposa caso ela tenha se deitado com outro homem*** (ver Jeremias 3:1). A propósito, o primeiro marido poderia até recebê-la de volta — mas não poderia mais ter relações com ela, como vemos no caso de Davi e das concubinas violadas por Absalão (2 Samuel 20:3).

A principal evidência de que Moisés está apenas ilustrando uma situação é a repetição da conjunção כִּי (ki, “se”) no texto: **Se** um homem tomar uma esposa... **Se** ele encontrar algo indecente [עֶרְוָה, **ervah**, “nudez”] nela... **Se** o segundo marido morrer... Moisés constrói um cenário possível como recurso retórico.

Jesus deixou claro que Moisés **não proibiu** o divórcio, mas isso não significa que a passagem seja uma autorização formal. De fato, não há nenhuma passagem em que Moisés **autorize** o divórcio. Ele apenas adotou uma postura passiva diante da dureza dos corações do povo — um povo que acabara de sair de cerca de 400 anos de escravidão.

Esse entendimento equivocado de Deuteronômio 24 é muito antigo. Nos dias de Jesus, o rabino Hilel e seus seguidores também extraíram dessa passagem algo que não está lá: a ideia de que um homem poderia mandar sua esposa embora por qualquer motivo.

O debate girava em torno de duas palavras hebraicas no versículo 1: עֶרְוַת דָּבָר (ervat davar). Ervat significa “nudez” ou “indecência”, e davar significa “uma questão” ou “uma coisa”. Lida em conjunto, como a gramática exige, a expressão significa “algo indecente”.

As escolas rabínicas desmembraram a expressão. A Casa de Shamai se ateve à primeira palavra, ervah (indecência): divórcio apenas por indecência sexual. A Casa de Hilel se baseou na segunda palavra, davar (uma questão): um homem poderia se divorciar de sua esposa por qualquer questão que lhe desagradasse — até mesmo, como registra a Mishnah, por queimar a comida dele (Mishnah Gittin 9:10; Talmud, Gittin 90a). Ao tratar uma única expressão como dois motivos distintos, transformaram “algo indecente” em “indecência ou qualquer outra questão”.

Jesus, então, corrigiu esses erros:

1. Ele enfatizou que πορνεία (**porneía** — algo indecente) é o único motivo aceitável.
2. Ele deixou claro que Moisés apenas tolerou o que eles faziam às mulheres por causa da dureza dos corações dos homens de Israel.
3. No Sermão da Montanha, ao mencionar a "carta de divórcio" e concluir com a expressão "Mas eu digo a vocês", Jesus proibiu o uso desse instrumento jurídico para a separação de almas (Mateus 5:31-32).

> **NOTA:** A palavra grega **πορνεία** (*porneía*) é equivalente à palavra hebraica **עֶרְוָה** (*ervah*). Em hebraico, significava "nudez", e em grego seu sentido foi ampliado para "algo indecente". Porneía não inclui adultério [**μοιχεία** (*moicheía*)] porque nos tempos bíblicos a pena era a morte. Em Mateus 5:32, Jesus usou as duas palavras na mesma frase, indicando que são duas coisas diferentes.

É importante frisar que, se Moisés não ensinou nada sobre o divórcio, é porque Deus não o instruiu a fazê-lo — afinal, Moisés era fiel e falava apenas o que ouvia de Deus.

A expressão **sefer keritut**, que significa literalmente "livro de separação" ou "carta de divórcio", aparece apenas uma vez em toda a Torá — precisamente em Deuteronômio 24:1-4. Em outras palavras, em nenhum lugar Moisés ensinou que os homens deveriam usar essa carta para mandar suas esposas embora. Isso indica que se tratava de **uma prática já existente,** herdada do período de cativeiro no Egito. Moisés apenas mencionou algo que já era feito, mas não o prescreveu como mandamento divino. Vale lembrar que o próprio Moisés, cerca de quarenta anos antes, havia vivido no Egito e certamente conhecia esse tipo de instrumento jurídico.

Fora da Torá, o Tanakh também usa **sefer keritut** apenas duas vezes — ambas de forma metafórica, referindo-se à relação entre Deus e Israel (Jeremias 3:8 e Isaías 50:1).

Nesses dois usos simbólicos, não há indicação de que, por Deus ter dado uma "carta de divórcio" a Israel, a nação estivesse livre para se unir a outros deuses. Pelo contrário, a traição espiritual é condenada ao longo de todo o texto. Em outras

palavras, **nem mesmo simbolicamente essa "carta de divórcio" permite uma nova união para a mulher**.

Jesus também nunca reconheceu essa carta como algo autorizado por Deus para legalizar a separação entre almas. As duas vezes em que ela aparece nos Evangelhos são em Mateus — e uma vez no paralelo em Marcos (Marcos 10:4):

1. Mateus 19:7-8: os fariseus a mencionam, e Jesus responde que Moisés apenas permitiu (**epétrepsen**) o uso da carta por causa da dureza dos corações deles — o que significa que não era um mandamento de Deus.
2. Mateus 5:31-32, no Sermão da Montanha, quando Jesus diz:

"Foi dito: 'Quem se divorciar de sua esposa, que lhe dê uma carta de divórcio.' Mas eu digo a vocês: quem se divorciar de sua esposa, exceto por causa de **porneía**, faz com que ela cometa adultério; e quem se casa com uma mulher divorciada **comete adultério**."

Portanto, essa chamada "carta de divórcio" nunca foi uma autorização divina, mas apenas algo que Moisés tolerou diante da dureza de coração do povo. Nenhuma parte das Escrituras sustenta a ideia de que, ao receber essa carta, a mulher estaria espiritualmente desligada e livre para se unir a outro homem. Essa ideia não tem base na Palavra e é um mito. O ensino claro e direto de Jesus confirma essa verdade.